

"Estamos em guerra desde 1964 com alguns episódios de paz"

14.10.2019 - 00:04

Rute Coelho

PUB

Elísio Macamo, 54 anos, é professor na Universidade de Basileia, na Suíça. A amiga Maria Paula Meneses é investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Estão fora de Moçambique, mas vão ao país votar na próxima terça-feira. Desencantados, já não se revêm nem na Frelimo nem na Renamo e acusam os candidatos de não terem uma ideia para o país

O Professor Elísio Macamo, 54 anos, ensina Estudos Africanos na Universidade de Basileia, na Suíça e é doutorado em Sociologia e Antropologia Social e agregação em Sociologia Geral pela Universidade de Bayreuth, na Alemanha. É um académico e pedagogo ativo que, estando fora de Moçambique, transporta consigo o seu país porque nunca parou de refletir e escrever sobre o seu presente e o seu futuro.

É oriundo de Xai Xai, terra na província de Gaza, no sul de Moçambique, onde aconteceu o ato mais violento da campanha eleitoral para as eleições gerais de 15 de outubro: o assassinato a tiro do observador eleitoral e ativista Anastacio Matável, por um grupo que incluiu elementos da polícia de elite moçambicana.

"Tivemos o homicídio de um ativista com a participação agentes do Estado e, por incrível que pareça, o Presidente Filipe Nyusi não veio a público dizer nada de relevante sobre isto. Pessoalmente não acredito que a Frelimo esteja envolvida embora entre os suspeitos estejam polícias das operações especiais", analisa o professor universitário. "É preciso ver que Moçambique não é um país normal. As nossas forças de segurança não atraem as melhores pessoas. Se eu quisesse mandar matar alguém ia procurar o executor dentro das forças de segurança moçambicanas".

Mas este não foi o único ato violento desde que os partidos da linha da frente na disputa eleitoral (Frelimo, Renamo e MDM) saíram às ruas, em agosto, para convencer eleitores. Em dois meses de campanha, morreram 38 pessoas de vários quadrantes políticos, segundo a ONG Centro de Integridade Pública (CIP).

"A campanha eleitoral foi a mais sangrenta desde que se introduziu o multipartidarismo", observa Elísio Macama. Para o académico, "os atos violentos surgem por causa da ausência de substância na campanha e da cultura política que vem desde os acordos de paz de 1992. O que é ligeiramente diferente nestas eleições é a qualidade muito baixa dos participantes, dos partidos e das pessoas a concorrer, sobretudo nos principais Frelimo, Renamo e MDM".

"Não se aprendeu nada"

Tão desencantada como o seu amigo Elísio Macamo está Maria Paula Meneses, 50 anos, doutorada em Antropologia e investigadora coordenadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde co-coordena o programa de doutoramento em "Pós-colonialismos e cidadania global". Vive em Portugal há 15 anos mas vai com frequência a Moçambique onde está ligada ao meio universitário e, por consequência, aos jovens. "É lamentável que haja tanta violência no país, não se aprendeu nada. Nota-se nos três acordos de paz que temos em cima da mesa. A paz não são acordos", observa, com indignação na voz.

No fundo, Moçambique "está em guerra desde 1964 com interrupção para episódios de paz". Para a académica, "a pedagogia da paz não faz parte de nenhuma proposta política ativa. A juventude que temos não tem o trauma da guerra mas cresceram na pedagogia da violência".

Tal como o seu colega Elísio Macamo, Maria Paula Meneses avalia negativamente os três principais candidatos ao cargo de Presidente: Filipe Nyusi, da Frelimo, o Chefe de Estado em funções, Ossufo Momade, o líder da Renamo, e Daviz Simango, o líder do terceiro maior partido, o Movimento Democrático de Moçambique (MDM). "Não têm ideia nenhuma do que querem para o país e de responder ao desafio do que somos. Continuam a reivindicar a violência, têm interesses por trás e querem esvaziar o Estado e a participação crítica democrática".

O futuro não está na Frelimo ou na Renamo "que são partidos da luta armada", comenta. "Já surgiu o Podemos, na versão moçambicana, que está cheio de jovens e que acredito possa vir a fazer a diferença no espaço de uma geração". O desemprego "é um problema nacional. "60 a 70% dos jovens desempregados têm o 11º ano e não vão ter emprego".

A académica, que se especializou no estudo do colonialismo, encontra as raízes desta aridez de propostas políticas no passado. "Como falhou a proposta socialista que tinha raízes nacionalistas fomos buscar um modelo que nos foi imposto. Não resultou. Mas é tudo muito recente na nossa História. Eu estive a trabalhar em Timor-Leste e lembro-me que a ONU dizia, de forma irrealista, que em 10 anos estaria construído o estado nação timorense. Como é possível? Portugal tem 800 anos de idade e o Estado ainda se encontra em construção".

Cabo Delgado: uma "nova forma de violência em África"

A província de Cabo Delgado, no norte do país, rica em explorações de gás natural, é um território que tem estado na mira do terrorismo islâmico com sucessivos ataques a aldeias. A recente reivindicação de alguns atentados pelo Estado Islâmico ou Daesh não é credível, para Elísio Macamo. "Descarto a possibilidade de o Estado Islâmico estar envolvido. Estamos face a uma nova forma de violência em África com milícias como a Al-Shabab, da Somália, que criam zonas de ausência de Estado. É o que tem vindo a acontecer no Mali, no Congo, no Sudão, na Nigéria e nos Camarões. Moçambique está a ser cobaia".

Um papel mais ativo da CPLP na região não seria eficaz, no momento. "O governo não tem falado com a sociedade sobre este conflito. Primeiro, os moçambicanos têm de saber que problema têm ali antes da intervenção de qualquer organismo internacional".

Para Maria Paula Meneses, "os ataques terroristas têm a ver com explorações de gás natural que estão nas mãos de companhias estrangeiras. Não há segurança para os moçambicanos enquanto se apostar apenas em ter os investimentos estrangeiros seguros".

Consulte o artigo completo em

<https://www.plataformamedia.com/pt-pt/noticias/politica/interior/estamos-em-guerra-desde-1964-com-alguns-episodios-de-paz-11392810.html>

Plataforma Global, 2018 © Todos os direitos reservados